

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2022

Vol 4

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)


Atena
Editora
Ano 2022

Vol 4

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 4

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
 Ilvanete dos Santos de Souza
 Ismael Santos Lira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 4 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ilvanete dos Santos de Souza, Ismael Santos Lira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-258-0708-9
 DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.089222511>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Souza, Ilvanete dos Santos de (Organizadora). III. Lira, Ismael Santos (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Temos alguns pilares que inspiram a organização deste livro: o reconhecimento da educação enquanto fenômeno social, as perspectivas que permeiam o processo educacional, harmonizando com o reconhecimento de tendências que forjam a educação como um campo de pesquisa multidisciplinar em contínua e necessária evolução.

Pensarmos a educação enquanto fenômeno social nos conduz a considerar como não triviais o contexto cultural e tudo que dele decorre: os hábitos compartilhados socialmente, os valores morais que identificam uma coletividade específica, as crenças que a mantém coesa. Durkheim (1985), já no início da constituição da Sociologia como disciplina acadêmica, chamava atenção para o fato social como aquilo que perpassa pelos modos de pensar, agir e sentir; que reverberam sobre os indivíduos, exercendo uma “força” sobre as adaptações as regras socialmente estabelecidas. A educação, por exemplo, é um fato social, pois durante todo esse processo os indivíduos vão se desenvolvendo enquanto sujeitos e preparando-se para a vida em sociedade.

Nesse novo século, temos como tendências (não apenas essas), para as práticas pedagógicas, o uso cada vez mais acentuado das tecnologias digitais da comunicação e informação, como a cultura maker, a gamificação e a realidade virtual, destaque para atividades escolares que busquem, de fato, o protagonismo dos estudantes como, por exemplo, a aprendizagem baseada em problemas. Essas tendências estão sendo implementadas, mesmo que timidamente, em algumas instituições de educação ao redor do mundo.

Nesse cenário, viu-se ainda com mais clareza a necessidade de rever o processo formativo dos professores a fim de atender as demandas curriculares e pedagógicas. Cabe aqui localizar o leitor quanto ao contexto social em que os estudos, aqui apresentados, foram gestados. Trata-se de um período pós-pandêmico em que ainda buscamos adaptações para uma nova realidade decorrente de um fenômeno que acentuou ainda mais as desigualdades sociais tais como o acesso à tecnologia e infraestrutura precária das escolas.

As reflexões tecidas nesta obra, intitulada: “**A Educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências**” trazem algumas discussões cujo foco problematiza a educação em diferentes contextos, inclusive o pandêmico, a Educação Matemática Inclusiva, a formação de professores, entre outros.

Dessa forma, convidamos os interessados nos diferentes fenômenos que compõem a educação enquanto prática social enriquecida pelos múltiplos contextos no qual se desenvolve, a refletir à luz desta obra, suas perspectivas e tendências. Esperamos ainda, que ao explorar esse volume, os estudos nele contido possam promover outras investigações e compartilhamentos sobre as

nuances que compõe a educação. Esperamos ter aguçado sua curiosidade sobre as temáticas aqui apresentadas. Portanto, vamos começar?

Américo Junior Nunes da Silva
Ilvanete dos Santos de Souza
Ismael Santos Lira

CAPÍTULO 1 1

UMA IDENTIDADE EM QUESTÃO: VIVA O POVO BRASILEIRO, SEU DISCURSO, LINGUAGEM E EXPRESSÃO

Moacir dos Santos da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225111>

CAPÍTULO 2 13

UMA IGUALDADE SELETIVA: A EXCLUSÃO FEMININA NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO FRANCESA(1789-1799) A PARTIR DA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE MARINGÁ/PR

Raiza Aparecida Favaro

Sabrina Araujo de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225112>

CAPÍTULO 324

VIRTUALIZATION: PEDAGOGICAL STRATEGIES USED IN MEDICINE STUDENTS

Karina Ivett Maldonado León

Luis Fernando Dzul Maldonado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225113>

CAPÍTULO 430

UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO SOBRE AS POTENCIALIDADES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ÀS PRÁTICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS

Ellen Dean Ribeiro Teixeira

Eduardo Amadeu Dutra Moresi

Pricila Kohls-Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225114>

CAPÍTULO 552

TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA SEM TERRA FORMADA NA CONCEPÇÃO DA PEDAGOGIA LIBERTADORA

Eliane Greice Davanço Nogueira

Rosa Maria da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225115>

CAPÍTULO 667

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS PELO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA DE BENGUELA DE 1976 À 1980

Angelina Lopes Luís Aguiaries Ngungui

Maria Helena Benjamim

Joaquim Moisés Gombe

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225116>

CAPÍTULO 7	77
TELETRABALHO DOCENTE E QUALIDADE DO ENSINO NO PÓS-PANDEMIA	
Fabio Batalha Monteiro de Barros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225117	
CAPÍTULO 8	94
TAREFAS DE LEITURA DE ARTIGO CIENTÍFICO PELA PERSPECTIVA SOCIODISCURSIVA DO CÍRCULO DE BAKHTIN	
Maristela Schleicher Silveira	
Cláudio Primo Delanoy	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225118	
CAPÍTULO 9	108
RESPONSABILIDADE DOCENTE E VIOLÊNCIA NA ESCOLA: REDE DE DISCURSOS QUE NÃO SE CONECTAM COM AS ESTATÍSTICAS DE DESIGUALDADE NO BRASIL	
Leandra Bôer Possa	
Neffar Jaqueline Azevedo Vieira Assis Brasil	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225119	
CAPÍTULO 10.....	118
RELATO DE EXPERIÊNCIA INTERVENÇÃO CTS NA EDUCAÇÃO BÁSICA ALTA DOS PREÇOS DOS ALIMENTOS EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS E A MATEMÁTICA	
Well Max Maia da Cunha	
Raíssa Almeida Gomes	
Cíntia Maria Felício	
Benjamim Cardoso da Silva Neto	
Rayanne Lopes dos Santos Silva	
Rosimiro Araujo do Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251110	
CAPÍTULO 11	133
PRÁTICAS COM O ENSINO DE MATEMÁTICA EM ESCOLAS DO CAMPO - EM TEMPOS DE PANDEMIA	
Alicia Gonçalves Vasquez	
Gerson Ribeiro Bacury	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251111	
CAPÍTULO 12.....	146
PROJETO COMCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA NA FORMAÇÃO HUMANA E CIDADÃ	
Antonio Jorge Sena dos Anjos	
Patrícia Nascimento Melo Brandão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251112	

CAPÍTULO 13..... 153

PROJETO DE AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM UM CURSO DA SAÚDE: “UMA CONVERSA AO PÉ DO UMBIGO”

Maurício Massayuki Nambu

Cristiane Fátima Guarido

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251113>

CAPÍTULO 14..... 164

PIAT (PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL APLICADA EM TURMAS): UMA PROPOSTA DE ACESSORAMENTO DIRETO AO DOCENTE NA FLEXIBILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO

Maria Rosa Trindade da Silva Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251114>

CAPÍTULO 15..... 173

PERSPECTIVA DE LA LECTURA COMO COMPETENCIA BÁSICA EN ESTUDIOS DE NIVEL SUPERIOR

Luz María Hernández Cruz

Diana Concepción Mex Álvarez

Julio Antonio Gutiérrez González

Joel Cristoper Flores Escalante

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251115>

CAPÍTULO 16..... 184

PATRIMÔNIO REGIONAL: A CRIAÇÃO DE UMA CARTILHA PARA VALORIZAÇÃO DA GASTRONOMIA DE SÃO JOÃO DE POLÉSINE – RS

Janaina Rubia Grellmann

André Luis Ramos Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251116>

CAPÍTULO 17..... 189

OS IMPACTOS DO ENSINO DA ROBÓTICA EDUCACIONAL NA PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Wanderson Oliveira Aguiar

Gylmara Kylma Feitosa Carvalhêdo Almeida

Will Ribamar Mendes Almeida

Yonara Costa Magalhães

Elda Regina de Sena Caridade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251117>

CAPÍTULO 18.....202

O PROCESSO DE LEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS E OUTRAS LITERATURAS DOS SEGUIDORES DA REDE SOCIAL INSTAGRAM DA PROFESSORA POLIANNE BARBOSA DA SILVA SÁ EM ÉPOCA DE DISTANCIAMENTO SOCIAL CAUSADO PELA PANDEMIA DO NOVO CORONA VÍRUS

Polianne Barbosa da Silva Sá

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251118>

CAPÍTULO 19.....209

UM ESTUDO AUTOETNOGRÁFICO SOBRE A IMPLANTAÇÃO DAS NOVAS DCNS DE ENGENHARIA SOB A ÓTICA DE UM PRESIDENTE DE NDE

Antonio Carlos Santos do Nascimento Passos-de-Oliveira

Irlane Pardinho Oliveira

Heitor Borges Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251119>

CAPÍTULO 20 218

SEQUÊNCIA DIDÁTICA UMA ABORDAGEM NO ENSINO DA QUÍMICA

Antonio Geilson Matias Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251120>

CAPÍTULO 21..... 231

O USO DE PSICOFAMACOS EM CRIANÇAS COM TDHA

Jamile Gebara Murca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251121>

CAPÍTULO 22237

PROGRAMA DE MEDICINA VETERINÁRIA INTEGRATIVA: O ÓLEO OZONIZADO NO CONTROLE DE VERMINOSES EM EQUINOS

Ana Luiza Dalava Carone

Maria Carolina Pansanato José

Mariza Fordellone Rosa Cruz

Diego Resende Rodrigues

Amanda Luiza Cirino

Giulia Maria Rodrigues

Fábio Keiji Anzai

Rafael Mesalla Costalonga Andrade

Ana Paula Millet Evangelista dos Santos

Carolina Maria Moço

Elisa Bueno

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251122>

SOBRE O ORGANIZADOR244

ÍNDICE REMISSIVO246

UMA IDENTIDADE EM QUESTÃO: VIVA O POVO BRASILEIRO, SEU DISCURSO, LINGUAGEM E EXPRESSÃO

Data de aceite: 01/11/2022

Moacir dos Santos da Silva

<http://lattes.cnpq.br/6942262610965073>

“Procuramos ser homens que sequer existiram”

Dostoievski

RESUMO: Falar do povo brasileiro é se embrenhar em um vasto horizonte em que diversas vozes ecoam, interação e têm muito sentido. É entender que há espaços ocupados por diversas etnias, de forma inegociável, independente de preferência ou de gosto. É perceber que neste homem disperso pelo mundo tentando desvendar as mais diversas formas de conhecimento e entendimento, há essências do negro, do índio e do português, dentre outras tantas, que perpassam a cor da pele e outras marcas identitárias. A maneira de compreender-se o mundo e a própria integração nele também será debatida a partir de aspectos ontológicos, sob algumas perspectivas, desenvolvidas aqui, principalmente, por Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes e João Ubaldo Ribeiro, numa abordagem pontual acerca de suas obras que enfocam esse

povo distinto e peculiar que ainda constrói a sua história. Nesse passeio, alguns aspectos referentes à filosofia africana, ao pensamento ameríndio, à questão da extramundandade e sobrenatureza e a própria crise da racionalidade moderna serão discutidos à luz de Mogobe Ramose, Marco Antônio Valentim, Eduardo Viveiros de Castro, José R. Castiano e Manfredo Araújo de Oliveira.

PALAVRAS-CHAVE: Povo brasileiro, aspectos ontológicos, história, raça.

DAS ORIGENS E DAS VÁRIAS VOZES NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO

A nossa história é feita de acasos e inconsistências. Estudamos, desde o início, que fomos encontrados por um desvio de rota e que houve conquistas e interações a partir daí. No entanto, os enfrentamentos, as mortes, o desrespeito e a aculturação não foram muito bem explicados.

Sobre isso, nos apropriamos da fala de Darcy Ribeiro (2014), na introdução do livro *O povo brasileiro- a formação e o sentido do Brasil*: “Surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do

invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos.”

E por que se sabe tão pouco, se estuda tão menos acerca do índio e do negro nos bancos escolares e em nossa sociedade, se aquele já estava, antes do colonizador e este fez parte ativamente de nossa história, depois do colonizador? É bem provável que o formato de nossa colonização (inserindo a questão da exploração e o caráter “violento”) não tenha colaborado para que houvesse uma escrita mais coerente e verdadeira sobre a nossa composição, enquanto grupo, enquanto povo.

Sobre esse processo, João Ubaldo Ribeiro (1984), em seu livro *Viva o Povo Brasileiro*, por meio de um de seus personagens, o cego Faustino, que conhecia histórias compridas, antes do descobrimento do Brasil, nos fala o seguinte:

a História não é só essa que está nos livros, até porque muitos dos que escrevem livros mentem mais do que os que contam histórias de Trancoso. (...) a História é falsa ou meio falsa e cada geração que chega resolve o que aconteceu antes dela e assim a História dos livros é tão inventada quanto a dos jornais, onde se lê cada peta de arrepiar os cabelos. Poucos livros devem ser confiados, assim como poucas pessoas, é a mesma coisa (RIBEIRO, 1984, p. 31).

Essa ironia do autor, a partir de um texto literário, remete bem a nossa história enquanto povo, enquanto nação. Podemos dizer que houve uma fragmentação na escrita de nossa história, certo desrespeito a personagens singulares que não foram apenas coadjuvantes no processo. E como diz mesmo a citação, a nossa história é “meio falsa”. E o que é meio falso não representa a verdade dos fatos, não traz o que é justo e o que mereça ser compartilhado com o outro e perpetuar ao longo de uma trajetória de vida de um país.

É sinal de respeito e consideração ter um dia dedicado ao índio (Dia do Índio) e de uns tempos para cá também ter um outro dedicado ao negro (Dia da Consciência Negra). Essa é uma análise rasa que convence boa parte dos brasileiros que frequentam as nossas escolas públicas. No entanto, excetuando-se os dois dias, onde um inclusive é feriado e às vezes nem se lembra nos espaços educativos, com um trabalho diferenciado e direcionado; todo o restante do tempo há uma imitação de um modelo de ensino/ aprendizagem, advindo da cultura europeia, à imagem e semelhança, às vezes tosca, do colonizador.

Sobre a possibilidade de conhecermos melhor uma ontologia não antropogenética, relacionada ao pensamento não ocidental de povos indígenas, especialmente da América (VALENTIM, 2018, p. 63). Eduardo Viveiros de Castro (1996), escreveu o seguinte sobre o assunto:

Tal ontologia deve poder exibir pelo menos dois traços principais: a afirmação do descentramento radical da humanidade e a recusa prévia de fundamentalidade perante outras formas de pensamento. Ambos acham-se reunidos na ideia do “perspectivismo cosmológico”, na qual se exprimiria o pensamento ameríndio: “a concepção, comum a muitos povos do continente, segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou

pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 115).

Dessa forma, todas as espécies de seres apresentariam seus sistemas e hábitos, individuais e sociais, organizados como as instituições humanas, sem estranhamentos, com suas belezas, utilidades, funcionalidades e normatizações. “De acordo com essa concepção, a experiência de cada sujeito consiste em uma passagem contínua entre modos de apresentação, humanos e não-humanos, do mundo enquanto âmbito de diferenciação recíproca entre perspectivas” (VALENTIM, 2018, p. 64).

Essas idiossincrasias, acerca do pensamento dos índios americanos, bastante estudadas e aprofundadas pelos autores, em questão, apresentam-se muito avançadas para um povo que sequer reconhece e valida a sua própria ancestralidade (aqui como reconhecedores de uma espécie superior, providos de raciocínio e intelectualidade) com a medida necessária para sedimentar e embasar o presente e organizar, com mais “clareza” e dignidade, o futuro.

Mas, como se falar, como se referendar, em nossa história uma cultura e suas especificidades, se ainda existe um processo de silenciamento e objetivação no percurso histórico, no caso dos africanos? Como considerar os índios precursores de nossas bases; se canibais, violentos, desinstruídos e sem educação e respeito (andavam nus e não queriam estudar)?

Nessa perspectiva tornou-se mais fácil para muitos brasileiros e estrangeiros que escreveram sobre nossa história, trabalhar com a perspectiva do descobrimento embasada na visão do português, que veio essencialmente para catequizar o nosso povo e trazer um pouco de luz à realidade nefasta e sombria em que vivíamos, com metais preciosos em áreas nunca antes exploradas e com toda a sorte de riqueza natural, que poderiam saciar as mais diversas finalidades pessoais ou comerciais.

Ironias à parte, a verdade é que o nosso processo de colonização, embora bem antes do processo africano, apresentou uma visão bastante similar. E o discurso de José Castiano (2010), também nos serve. Ele diz que o fato de olhar a sociedade africana com óculos europeus representa a maior fraqueza das disciplinas científicas. E fecha com a seguinte frase: “Até que ponto os estudos africanos são realmente africanos? Por serem feitos por africanos ou por serem sobre África?” (CASTIANO, 2010, p. 17).

Depois da escola literária chamada Modernismo, iniciada, aproximadamente no início do século XX, foi que pudemos, na visão de muitos autores, observar uma escrita mais consistente e coerente de nosso povo e suas mazelas, já que houve o direcionamento de um olhar mais íntimo, mais nacionalizado. Porém, ainda era por uma ótica elitista, fruto de estudos e formações estrangeiras. Portanto, cabe parafrasear o discurso de Castiano que fecha o parágrafo anterior: Até que ponto os estudos brasileiros são realmente brasileiros? E quem os escreve tem realmente conhecimento acerca de nossa história e identidade? E, é um brasileiro?

E quanto à questão indígena, retomando Eduardo Viveiros de Castro (2002), em seu texto *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena* fala sobre as suas especificidades (a dos índios) e situações peculiares que sempre envolveram suas histórias e culturas e que, infelizmente, muito pouco foram consideradas ao longo dos estudos diversos sobre nossa origem, enquanto seres mundanos.

Sobre as espécies e o próprio cosmos, depois de um estudo acerca do ameríndio, ele ainda escreve o seguinte:

Todo ser a que se atribui um ponto de vista será então sujeito, espírito; ou melhor, ali onde estiver o ponto de vista, também estará a posição de sujeito. (...) o perspectivismo ameríndio procede segundo o espírito de que o ponto de vista cria o sujeito; será sujeito quem se encontrar ativado ou 'agenciado' pelo ponto de vista. (...) Sucede que esses não humanos colocados em perspectiva de sujeito não se 'dizem' apenas gente; eles se veem morfológica e culturalmente como humanos. A espiritualização simbólica dos animais implicaria sua hominização e culturalização imaginárias; (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 236-237).

Esse choque e diversidade, mesmo para quem não quisesse, já existiam, no momento de interação entre os grupos, entre as etnias, nos primórdios. E perpassam, em muito, as questões culturais, de gostos ou escolhas, elas dizem respeito a crenças, valores, a cultos e a espiritualidade. O negro sempre teve suas preferências e peculiaridades, assim como o índio. As adaptações rápidas de um grupo, no caso do negro, em relação ao serviço agrário e o estranhamento de outro, no caso do índio, em relação à própria visão do homem, como sendo uma espécie acima das outras, restringindo e limitando as interações no cosmos, desconsiderando um transbordamento de sujeitos e de corpos, precisariam ter sido respeitadas e consideradas e não somente exploradas e extirpadas.

Marco Antônio Valentim (2018) esclarece sobre esse transbordamento (inspirado no pensar indígena) com a seguinte proposição:

a compreensão de ser equivale a um hábito social potencialmente partilhado por todos os agentes cósmicos, sem jamais consistir em uma condição que separaria o homem, único ente transcendente, de todo e qualquer ente não-humano. Sem coincidir com uma inefável região "fora do ser", o cosmos constitui um plano como que meta-ontológico, mais amplo e complexo que o mundo existencialmente concebido: (VALENTIM, 2018, p. 181).

Esse pensamento indígena que perpassa toda uma trajetória, desde muito antes da colonização, é muito bem descrito por Eduardo Viveiros de Castro.

Em suma, os animais são gente, ou se veem como pessoas. Tal concepção está quase sempre associada à ideia de que à forma manifesta de cada espécie é um envoltório (uma 'roupa') a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos seres transespecíficos, como os xamãs (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 228).

É sob essas características e tradições, crenças e costumes que dois dos compositores de nossa etnia (o índio e o negro) sacramentavam suas ideologias, expondo-

as das formas mais variadas possíveis. E essas e muitas outras “marcas” deixaram de ser consideradas no processo exploratório de colonização e desbravamento. Por outro lado, a figura do português desbravador, competitivo, do homem branco, de uma cultura superior, do vitorioso e conquistador de terras, mar a fora, sempre nos foi apresentada, com esses e outros requintes. E como já falamos, se a história contada pela metade representa também uma mentira, o que somos e sabemos hoje, acerca de nossa essência ainda é muito pouco, diante de todo o contexto complexo que envolve um país tão grande com tanta variação em todos os sentidos: temos pessoas vivendo imprensadas nas favelas; comunidades ribeirinhas, em interiores longínquos; além de tribos indígenas, embrenhadas em matas virgens ainda desconhecidas.

E esse povo novo é bem descrito por Darcy Ribeiro, como um grupo diferente. Em relação a isso, ele diz o seguinte:

A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória europeia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos. O Brasil emerge, assim, como um renovo mutante, remarcado de características próprias, mas atado genesicamente à matriz portuguesa, cujas potencialidades insuspeitadas de ser e de crescer só aqui se realizariam plenamente (RIBEIRO, 2014, p. 08).

E esses coloridos que deveriam nos distinguir, parecem ser motivos de vergonha e não os assumimos de fato, e viramos uma cópia muito exótica de culturas europeias (uma caricatura) que não nos representam, por muitos motivos. Aqui se orgulha dos traços lusitanos, que outrora só passaram pela Ilha de Vera Cruz; uns, porque foram obrigados; outros, porque apenas queriam desfrutar das benesses ambientais e da coroa e todos por apenas um tempo.

UM POVO FELIZ NO PAÍS DA RIQUEZA, DO FUTEBOL E DA BELEZA

Neste país tudo o que se planta dá. São terras infindas, espaços para todos, um clima muito ameno, com um povo muito hospitaleiro. Perfeita descrição iniciada inclusive por uma frase que compõe a famosa Carta de Pero Vaz de Caminha a el-Rei Dom Manoel, de Portugal, sobre o achamento do Brasil, documento redigido em 1º de maio de 1500, em Porto Seguro, na Bahia. No entanto, quanto mais proximidade, mais vai ocorrendo a revelação da plenitude dos fatos. Não é bem assim e nunca foi de outro jeito. Somos um povo com nossas mazelas, nossas desinformações, nossos orgulhos, medos, prepotência e sabedoria, com tudo o que há em muitos outros lugares também. (MINISTÉRIO DA CULTURA)

Recorrendo ainda a Darcy Ribeiro, trazemos uma análise fina de nossos pares. Podemos até discordar dele, mas vale a pena considerar a sua reflexão.

O espantoso é que os brasileiros, orgulhosos de sua tão proclamada, como

falsa, “democracia racial”, raramente percebem os profundos abismos que aqui separam os estratos sociais. O mais grave é que esse abismo não conduz a conflitos tendentes a transpô-lo, porque se cristalizam num *modus vivendi* que aparta os ricos dos pobres, como se fossem castas e guetos. Os privilegiados simplesmente se isolam numa barreira de indiferença para com a sina dos pobres, cuja miséria repugnante procuram ignorar ou ocultar numa espécie de miopia social, que perpetua a alternidade. O povo-massa, sofrido e perplexo, vê a ordem social como um sistema sagrado que privilegia uma minoria contemplada por Deus, à qual tudo é consentido e concedido. Inclusive o dom de serem, às vezes, dadivosos, mas sempre frios e perversos e, invariavelmente, imprevisíveis (RIBEIRO, 2014, p. 10).

Os nossos conflitos e desigualdades são extensos. A palavra abismo citada por Darcy Ribeiro se encaixa bem. Vamos do miserável das ruas aos habitantes de verdadeiros palácios que mal se vestem, com toda a sorte de privilégios e, na maioria das vezes, pouco se fez para herdar esse ou aquele posto, bastou nascer. As nossas estruturas e organização política e social não têm contribuído muito para auxiliar neste aspecto, e mesmo com a democracia e com a “liberdade” de ir e vir, o nosso povo circula daqui pra ali, da roça à favela, com poucas oportunidades de mudança. E muitas pessoas precisam dos dadivosos, que não mais são os senhores de engenho, agora são representados pelos ricos empresários, oligárquicos e políticos de carreira.

Se ouvíssemos Aristóteles, seríamos mais cuidadosos conosco. Manfredo Araújo de Oliveira (1989) em seu artigo *A crise da racionalidade moderna: uma crise de esperança*, cita o seguinte sobre:

Portanto, para Aristóteles, ao lado dos entes, há o mundo dos objetos produzidos, a segunda natureza da vida humana. Produzimos este mundo enquanto seres sociais, por isto este mundo é fruto da unidade do trabalho de muitos. O mais importante neste contexto é que a construção deste mundo é nossa própria construção: nosso ser é uma tarefa que se cumpre na medida em que o mundo das obras (da ciência, da economia, da política, da arte, da religião etc.) se efetiva (OLIVEIRA, 1989, p. 15).

Esse trabalho de muitos precisa render frutos que privilegiem cada vez mais pessoas, senão todas. E isso não foi o que se viu ao longo de nossa história, que infelizmente foi marcada por seleção e exclusão: em várias esferas, que envolvem trabalho, concursos e oportunidades, todos tentam e poucos conseguem principalmente se envolver algo de dignidade/ prestígio social ou um salário mais alto. E assim o nosso povo vai sendo tratado pelos nossos novos senhores e estruturas modernas de trabalho e “o mundo dos objetos produzidos” vão sendo repartidos, de um jeito peculiar, nem sempre justo e coerente.

No entanto, pode-se dizer que existem formas dignas e condizentes para as pessoas conseguirem ascender socialmente, o que não minimizam as possibilidades de uma atração por atalhos, pelos caminhos tortuosos do tráfico, das drogas e dos roubos. Uma dessas é o futebol. Somos os melhores do mundo, os pentacampeões! E o que de lucrativo, de social, de cultural isso nos rende, a não ser a questão numérica e uma fama externa no quesito?

Podemos dizer que, mesmo internamente, nas escolinhas, nos clubes, a disputa já é acirrada, desde a base. O processo de exclusão já ocorre desde quando a pessoa nasce; envolve a moradia, a cor, os contatos, a sorte, o talento, a questão econômica e assim se processa até se chegar ao profissionalismo; seara em que poucos conseguem se firmar com dignidade e prestígio; espaço de muita luta, frustração e disputa.

E os nossos rostos vão sendo coloridos a partir daí, com detalhes e essências intrínsecas do que realmente somos: sangue latino com ascendência indígena, africana e portuguesa. Assim como se pode falar que não é fácil a autoafirmação no futebol ou em outro esporte/ trabalho coletivo ou individual, também será complexa a progressão nas passarelas, em que a beleza masculina e feminina nos representa, nos desfiles de moda, pelo mundo, ou mesmo nos estudos a partir de determinados pontos que envolvem idade, questão financeira, oferta de curso etc. etc. Sempre ocorrerá uma luta contínua, seja qual for a pretensão (no trabalho ou nos estudos) desse povo que tem a marca de não desistir nunca.

Realmente, nós, brasileiros, estamos dispersos pelo mundo e fazemos sucesso em muitos espaços. Já tivemos representantes (vários) como os melhores do mundo no futebol, e em outros esportes coletivos e individuais (olímpicos ou não), como as mulheres mais lindas nas passarelas; no entanto, as nossas estrelas parecem ser mais do mundo que do Brasil. E muitos, quando chegam ao topo, não traduzem o seu orgulho ou gratidão pelo país de origem. E, vários, inclusive, optam por morar no estrangeiro. Por que motivo? Há alguém culpado por isso?

Ainda em Manfredo Araújo de Oliveira (1989) podemos refletir sobre o que vem ocorrendo em nossa história e destacar o grave problema identitário que nos cerca e precisa ser repensado para que realmente sejamos um espaço de representação interna de coletividade e dignidade.

A crise da modernidade desembocou, nos dias de hoje, numa crise de sentido para a vida humana. Nossa meditação sobre o sentido passa, hoje, necessariamente, pela crítica da razão moderna. (...) O homem não se entende mais como inserido num todo maior, que, heteronomamente, lhe fornece o sentido de sua vida, mas ele mesmo é fonte de sentido de qualquer todo, já que o lugar que determina o sentido de tudo (OLIVEIRA, 1989, p. 16).

Esse homem brasileiro moderno é fruto de uma objetivação construída ao longo da história do mundo ocidental, que insiste em destacar ainda essa espécie das outras e “menosprezar” todo o seu entorno. O povo brasileiro (e qualquer outro) precisa evoluir, ascender socialmente, considerando os seus pares e todos os aspectos e meios de vida em que está inserido. São essas questões que devem fazer parte da base da essência humanitária e permear as interações.

OS ENTRELAÇAMENTOS DE COR, RAÇA E CLASSE NAS PERSPECTIVAS DE DARCY RIBEIRO E FLORESTAN FERNANDES

Desde o início, a nossa cor, estilo e diversidade já foram destacados. O primeiro encontro do português com os índios e a descrição por parte de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, por meio de uma carta, explicitando as nuances daqui, enfatizam isso muito bem.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador (MINISTÉRIO DA CULTURA, p. 3).

E essa cor parda exaltada pelo escritor-mor, da expedição de Pedro Alvarez Cabral, ainda teria outras matizes a partir dos entrelaçamentos com o próprio português e com o negro, advindo da África. Fato é que, por violência ou por consentimento, houve uma mistura de raças que fez surgir um povo peculiar com demarcações visíveis e com uma história bastante singular.

Florestan Fernandes em seu livro *O negro no mundo dos brancos* (1972) desenvolve a ideia de brasilidade, desde a base, de forma interessante.

A brasilidade, que herdamos do passado escravocrata e das primeiras experiências de universalização do trabalho livre, é demasiado estreita e pobre para fazer face aos dilemas humanos e políticos de uma sociedade racial e culturalmente heterogênea. Temos de aprender a não expurgar os diferentes grupos raciais e culturais do que eles podem levar criadoramente ao processo de fusão e unificação, para que se atinja um padrão de brasilidade autenticamente pluralista, plástico e revolucionário (FERNANDES, 1972, p. 17).

Seguindo o raciocínio de Florestan Fernandes, fomos desrespeitados desde nossas bases. O índio não foi visto em sua essência, em relação às diversidades inerentes a seu grupo; muito menos o negro, moeda de troca desde os primórdios, força motriz para enriquecer uma elite.

A consideração de uma existência pluralista das raças, com suas especificidades, e o conhecimento acerca das idiossincrasias das mesmas, seria e ainda é a solução para um convívio mais harmônico, justo e coerente entre as pessoas. Dessa maneira, haveria menos estranhamentos acerca dos diferentes grupos e não precisaria expurgá-los do convívio cotidiano, (demarcando, delimitando espaços e extirpando grupos), no caso dos índios; e nem considerá-los como cidadãos de menos valia, como coadjuvantes, sem história, sem cultura, sem sonhos, sem voz e sem vez, no caso dos negros.

Sobre essa possível convivência harmônica entre raças com peculiaridades distintas, com igualdade de direitos e com espaços para todos, já que formamos um povo

eclético, com muitas diferenças; Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2003), com base nas ideias de Gilberto Freyre (1933), que desenvolve os conceitos de uma “democracia social” e “democracia étnica”, apregoando igualdade e integração aos culturalmente inferiores, com chances reais de mobilidade social no mundo branco (GUIMARÃES, 2003, p.102), escreve o seguinte, acerca de outra expressão: mito da democracia racial.

Quando o Florestan Fernandes (1965) fala em mito da democracia racial, ele estava querendo dizer o seguinte: essa democracia racial seria apenas um discurso de dominação política, não expressava mais nem um ideal, nem algo que existisse efetivamente, seria usado apenas para desmobilizar a comunidade negra; como um discurso de dominação, seria puramente simbólico, sua outra face seria justamente o preconceito racial e a discriminação sistemática dos negros (GUIMARÃES, 2003, p. 102).

As críticas às ideias de Freyre consistem no fato dessa democracia representar apenas uma desmobilização, um discurso de dominação política. Enquanto Freyre escreve sobre uma sociedade igualitária, com garantia de direitos independente de raça ou de cor, desconsiderando aspectos de cor, econômicos, culturais e sociais, em alguma medida; o que se explicita aqui, com esse mito, é uma verdadeira demagogia.

Para Darcy Ribeiro (1995), a democracia racial é algo possível desde que exista uma democracia social, nesse sentido é possível afirmar que o Brasil está longe de ter tanto uma como a outra, dado os últimos avanços do conservadorismo elitista da política brasileira e episódios recorrentes de discriminação e preconceito racial e a impunidade que se segue em relação a esses crimes. É importante dizer que nos últimos anos, graças à modernização e a difusão de novas atitudes, inspiradas, sobretudo no revivalismo do negro norte americano, se observa uma veemente afirmação de negros e mulatos, afinal orgulhoso de si mesmo e às vezes até compensatoriamente racistas em sua negritude (RIBEIRO, 1995, p. 24).

Quando lemos os textos de Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro sobre a questão do mito da democracia racial, percebemos que pouca coisa mudou em nossa história de mais de quinhentos anos (após o “descobrimento”). Nos últimos anos, por exemplo, negros têm sido mortos, em atitudes suspeitas, apenas por sê-lo, em qualquer ambiente da sociedade (nas favelas, nos campos e nas ruas), sendo sempre os primeiros a serem investigados, procurados e punidos.

Mesmo numa história recente de leis e estatutos protetores, como o da criança e do adolescente, como o do idoso, aqui no Brasil; o que vemos é negro sendo morto em porta de shopping, sufocado com joelho no pescoço pela rua, etc. etc. E sobre o índio e o “estrangeiro”, nem se fala. Há uma maior ou menor tolerância neste ou naquele país, fala-se em preservação de espaço para aquele, mas desde que longe (inclusive literalmente), sem uma estrutura legal que o ampare, observando-se a sua cultura, e quanto a este (o estrangeiro), se for bonzinho, educado e competente poderá usufruir de maiores benesses, mundo a fora.

Ainda em *O negro no mundo dos brancos* (1972), Florestan Fernandes continua: “o

mito da democracia racial fomenta outros mitos paralelos, que concorrem para esconder ou para ‘enfeitar a realidade’, e que estes mitos são perfilhados sem base objetiva, mesmo pelos negros e pelos mulatos” (FERNANDES, 1972, p. 10).

Acreditamos que os autores esclarecem bem a situação: não existe e nem existirá uma democracia racial e nem social, enquanto vigorar um pensamento explorador e de privilégios, advindo de nossa história, desde a colonização, aos moldes lusitano - europeu, com aculturação, acumulação de bens, desrespeito e silenciamento. Hoje, o que ocorre é uma forma velada de consolidação dessa prática discriminatória e não democrática, (com menos violência física, com mais “tolerância”), na maioria da vezes, por conveniência: o mundo branco contemporâneo não pode contar com o escravo, mas tem a sua disposição a empregada doméstica, o campeiro, o gari, dentre tantos, a maioria deles de cor negra.

E o que se pode fazer? Edson José de Freitas Junior (2016), em seu artigo *Classe, raça e cor: uma análise da sociedade brasileira sob as perspectivas de Darcy Ribeiro*, apresenta a seguinte afirmação:

Acredito que é a partir da autoafirmação do indivíduo e da instrução do povo em relação a sua origem, aliado a políticas que visam às necessidades das camadas populares como educação básica de qualidade, saúde para todos e com eficiência, que conscientize mais do que mascare, que estude nossa história formativa e não a do dominador, a que olhe para as potencialidades internas como uma oportunidade a ser dada para a nação, não a meia dúzia de empresários estrangeiros sedentos por dinheiro, a fim de sugar o quanto for possível de uma sociedade paupérrima, que mal tem o que comer (...). Nós, fruto histórico dessas relações conflituosas, temos plena consciência de que muitos problemas atuais que envolvem as categorias classe, raça e cor estão sendo tratados de maneira banal, sem a devida importância por nossas instituições. (JUNIOR, 2016, p. 10)

De acordo com o fragmento, precisamos nos entender, aceitar e conhecer melhor a nossa história. Somos negros, e daí? Somos brasileiros, algum problema? A questão também gira em torno de nossa autoafirmação, de compreendermos, de fato, a comunidade em que estamos inseridos, o grupo étnico a que pertencemos, a escola em que estudamos, o chão em que pisamos.

A liberdade usufruída pelo negro, pós escravatura, acabou não nos trazendo uma solução plausível e coerente, já que estávamos livres, mas com condições limitadíssimas de sobrevivência: como iríamos nos alimentar, onde iríamos trabalhar com dignidade e justiça, inclusive quanto a recebimento de salário? E o ensino público e as cotas, ofertados bem depois da abolição? Atingem a todos? Apresentam regras consistentes e justas em suas bases? As cotas também atendem aos brancos marginalizados no mundo branco?

Essas são questões que dão possibilidades a outros desdobramentos. Respondê-las iria requerer outras abordagens que nos privaremos no momento. O que ocorre é que entender o povo brasileiro e sua formação é necessariamente aceitar a diversidade de cultura, de cor e de raça, num espaço único. Florestan Fernandes nos diz o seguinte:

O que pretendemos, para o nosso futuro imediato e remoto, não é a fixação imobilista dos dois pólos, separando o negro, de um lado, e o mundo dos brancos, de que ele participa marginalmente, de outro; mas, que o mundo dos brancos dilua-se e desapareça, para incorporar, em sua plenitude, todas as fronteiras do humano, que hoje apenas coexistem 'mecanicamente' dentro da sociedade brasileira (FERNANDES, 1971, p. 17).

Ressaltamos aqui que o desaparecimento do mundo dos brancos precisa ocorrer para também acolher os índios, os exilados, os deportados de hoje em dia. O que o mundo (países, governantes, pessoas) precisa fazer é estar preparado para conviver e acolher o povo (venha de onde vier, seja como for), com uma estrutura digna, democrática, includente e justa.

CONCLUSÃO

A compreensão de quem realmente somos e a percepção da existência de diversos seres que ocupam em suas relações com o outro também um olhar “humanitário”, capaz de entender a relevância do local em que habitamos e a diversidade das espécies, facilitará bastante a interação e a perpetuação das vidas. A expansão do olhar e a abertura de outras perspectivas em nossas mentes precisam ser desenvolvidas e cultivadas, não só motivadas como crença indígena, mas como respeito ao outro, que feito nós existe com um propósito.

O que sabemos e o que conhecemos acerca do índio e do negro precisam sempre ser intensificados, refletidos e pesquisados. E o que nos apresentam como feitos e marcas indelévels advindos de uma cultura lusitana, mais do que aceitos, precisam ser questionados e repensados. Não podemos ser apenas um povo hospitaleiro e, na América do Sul, o único país a falar a língua portuguesa, essencialmente, e não termos o domínio de nossa essência, não sermos os portos seguros de nosso próprio povo.

Acreditamos que se olharmos para a nossa ancestralidade e observarmos as lindas histórias trazidas pelos negros e ressignificadas aqui, (em relação a crenças, valores e costumes) e da mesma forma validarmos o olhar de nossas tribos indígenas (principalmente as dos primórdios) acerca do mundo, da natureza e do todo, teremos muitos motivos para comemorarmos e entoarmos um viva, com gosto, a esse povo, que além de hospitaleiro, habilidoso e bonito precisa ratificar a sua história enquanto cidadãos dignos e autônomos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Cultura. *Fundação Biblioteca Nacional*. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 30 jul. 2021.

CASTIANO, José P. *Referenciais da filosofia africana: em busca da subjetivação*. 1ª ed. Moçambique: Ndjira, 2010.

DIANA, Daniela. Literatura Brasileira: Quinhentismo. *Toda Matéria*. <https://www.todamateria.com.br/quinhentismo/>. Acesso em 22/06/2021.

FERNANDES, Florestan. A integração de negros na sociedade de classes. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Dedalus Acervo, 1972.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com raça em socióloga. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 29, n.1, p. 93-107, jan/ jun 2003.

JUNIOR, Edson José de Freitas. Classe, raça e cor: uma análise da sociedade brasileira sob as perspectivas de Darcy Ribeiro. *Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas*. Juiz de Fora: jul. 2016.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A crise da racionalidade moderna: uma crise de esperança. *Síntese, Nova Fase 17, n° 45*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

RAMOSE, Mogobe B. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. *Ensaios filosóficos, volume IV*. Universidade da África do Sul, Pretoria, 2011.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*. 1ª edição digital. São Paulo: Globo Editorial, 2014.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. 5ª edição digital. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

VALENTIM, Marco Antônio. *Extramunidade e sobrenatureza: ensaios de ontologia fundamental*. Florianópolis (SC): Cultura e Barbárie, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In E. Viveiros de Castro. *A inconstância da alma selvagem* (p. 181-264). São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

A

Aprendizagem 2, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 47, 48, 69, 77, 78, 79, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 107, 111, 115, 118, 119, 122, 129, 136, 138, 139, 143, 145, 146, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 163, 165, 166, 167, 168, 172, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 200, 209, 210, 215, 219, 220, 221, 223, 224, 227, 229, 230, 245

Aprendizagem por competências 209

Aprendizagem significativa 118, 145, 146, 148, 149, 152

Aspectos ontológicos 1

Assessoria psicopedagógica 164

Autoetnografia 209, 217

Autorregulação da aprendizagem 153, 154, 156, 157, 163

B

Bibliometria 30, 40

C

Cidadania 14, 19, 23, 61, 63, 116, 121, 128, 132, 146, 148, 150

Ciências da natureza 147, 148, 151, 218, 222, 223

Covid-19 24, 28, 29, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 92, 118, 122, 124, 129, 130, 132, 140, 156, 195, 198

CTS 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 129, 130, 131, 132, 230

Custo dos alimentos 118

D

Desigualdade 16, 18, 21, 108, 109, 111, 114, 115

Direitos humanos 13, 14, 15, 18, 22, 23, 110, 113

Discurso de gênero 13

Docente 17, 31, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 87, 89, 90, 91, 92, 100, 108, 111, 114, 134, 136, 137, 138, 151, 156, 164, 166, 170, 190, 191, 200, 209, 210, 221, 229, 244, 245

E

Educação 3, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 73, 75, 78, 79, 80, 81, 90, 91, 92, 93, 95, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 124, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 189, 190, 191, 194, 195, 200,

201, 210, 213, 216, 220, 227, 229, 230, 236, 244, 245

Educação científica 146, 148, 150, 151

Educação digital 78, 79, 81, 92, 93

Educação do campo 65, 66, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 144, 244

Educação libertadora 52, 63

Educación superior 173, 182

Ensino 2, 10, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 53, 59, 60, 61, 63, 64, 67, 69, 71, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 102, 111, 112, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 164, 165, 166, 167, 168, 172, 184, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 198, 200, 201, 203, 209, 210, 212, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 228, 229, 230, 244, 245

Ensino de Engenharia 209, 210

Ensino de Matemática 118, 131, 133, 135, 138, 140, 244

Ensino fundamental 13, 19, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 59, 91, 138, 141, 146, 166, 200, 201, 229

Ensino superior 45, 47, 48, 80, 82, 87, 91, 94, 95, 120, 153, 154, 155, 156, 157, 244

Entonação 94, 104

F

Formação 1, 10, 12, 18, 52, 53, 54, 56, 58, 61, 63, 64, 72, 75, 82, 89, 90, 91, 101, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 128, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 155, 163, 165, 166, 190, 191, 212, 220, 223, 244, 245

Formação continuada 108, 110, 112, 116, 133, 134, 135, 136, 141, 142, 143, 144

Formação docente 90, 245

H

História 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 36, 52, 53, 54, 56, 57, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 79, 90, 169, 184, 187, 188, 195, 206, 208, 216, 219, 221, 234, 244, 245

História de vida 52, 54

I

Inclusão 13, 81, 108, 109, 132, 166, 189, 199

Inteligência artificial 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46,

47, 48, 49, 51

L

Learning 24, 25, 26, 28, 33, 34, 35, 40, 41, 42, 43, 49, 50, 51, 78, 145, 146, 147, 154, 163, 174, 190, 209

Lectura 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

Leitura 18, 21, 35, 36, 48, 54, 85, 94, 95, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 168, 170, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 221, 225, 226

Livro didático 13, 17, 20, 192, 228

M

Metacognição 153, 154, 155, 156, 163

Modelo resposta à intervenção 164

N

NDE 156, 209, 210, 211, 216

O

Óleo ozonizado 237, 238, 240, 242

Ozonioterapia 238, 239, 242

P

Pandemia 28, 29, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 90, 91, 92, 93, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 132, 133, 140, 144, 156, 186, 187, 194, 195, 198, 202, 205, 220

Património histórico-cultural 67, 75

Pedagogy 24, 154

Pensamento crítico 32, 118, 120, 124, 125, 150

Povo brasileiro 1, 2, 7, 10, 12

Práticas 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 40, 41, 45, 46, 48, 72, 75, 83, 95, 113, 121, 122, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 164, 165, 184, 187, 188, 198, 202, 206, 210, 215, 223, 236, 244

Práticas de ensino 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 40, 41, 45, 48, 83, 164, 210

Preconceito 9, 16, 108, 109, 111, 113, 115

Procrastinação 153, 155, 156, 163

Programação 189, 190, 191, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Proposta psicopedagógica 164, 165, 166, 169, 171

Psicopedagogia institucional 164, 165, 166, 169, 170, 171, 172, 244

R

Raça 1, 8, 9, 10, 12

Rede social 81, 202, 204, 205, 206, 208

Revolução Francesa 13, 14, 16, 17, 18, 21, 22

Robótica 38, 45, 47, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 198, 199, 200, 201

S

Sequência didática 218, 219, 221, 222, 228, 229

Students 24, 25, 26, 27, 28, 35, 42, 43, 50, 78, 146, 154, 190

T

Tecnologia 30, 31, 40, 79, 81, 86, 95, 111, 119, 120, 121, 126, 129, 130, 131, 137, 143, 150, 151, 152, 189, 190, 191, 195, 199, 200, 214, 215, 218, 219, 221, 222, 223

Teletrabalho 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Teoria dialógica 94, 100, 102, 103

Trabalhos arqueológicos 67, 69

V

Verminoses 237, 238, 239, 242

Violência 8, 10, 80, 84, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

Virtualization 24, 25

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora
Ano 2022

Vol 4